



## HALFORD MACKINDER E O USO DE IMAGENS NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA IMPERIAL

Bryan Marques Moraes <sup>1</sup>

### RESUMO

Halford Mackinder, geógrafo britânico conhecido pela sua teoria da disputa entre o poder terrestre e o marítimo, participou ativamente da defesa do ensino de geografia na Inglaterra vitoriana. Para Mackinder, o ensino de geografia é uma ferramenta imperial, que poderia, e deveria, utilizar imagens para ampliar o sentimento de pertencimento entre os cidadãos que formavam o Império Britânico. Nesse sentido, o artigo pretende abordar, no momento da institucionalização da geografia no início do século XX, a criação do *Colonial Office Visual Instruction Committee* (COVIC) e atuação de Mackinder em prol do uso de imagens no ensino de geografia com viés imperial. Por meio do COVIC, imagens, mapas e materiais para uso escolar foram produzidos, apresentando elementos visuais com estímulo ao racismo e a repulsa pelo exotismo. O trabalho defende que, uma vez que a geografia se tornou uma ciência de Estado no contexto do imperialismo europeu, o ensino geográfico foi identificado como uma parte integrante disto, podendo estreitar os laços de cidadania entre os indivíduos do Império, ainda que mantendo a hierarquia social entre a metrópole e os povos colonizados.

**Palavras-chave:** Halford Mackinder, uso de imagens, educação geográfica, imperialismo.

### RESUMEN

Halford Mackinder, geógrafo británico conocido por su teoría de la disputa entre el poder terrestre y el marítimo, participó activamente en la defensa de la enseñanza de la geografía en la Inglaterra victoriana. Para Mackinder, la enseñanza de la geografía es una herramienta imperial, que podría, y debería, utilizar las imágenes para amplificar el sentido de pertenencia entre los ciudadanos que formaban el Imperio Británico. En este sentido, el artículo pretende abordar, en el momento de la institucionalización de la geografía a principios del siglo XX, la creación de la *Colonial Office Visual Instruction Committee* (COVIC) y la defensa de Mackinder del uso de imágenes en la enseñanza de la geografía con un sesgo imperial. A través del COVIC, se produjeron imágenes, mapas y materiales para uso escolar, presentando elementos visuales que estimulan el racismo y la repulsión del exotismo. El artículo argumenta que una vez que la geografía se convirtió en una ciencia estatal en el contexto del imperialismo europeo, la enseñanza de la geografía se identificó como una parte integral de éste, siendo capaz de fortalecer los lazos de ciudadanía entre los individuos del Imperio, pero manteniendo la jerarquía social entre la metrópoli y los pueblos colonizados.

**Palabras clave:** Halford Mackinder, uso de imágenes, educación geográfica, imperialismo.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – SP, bryanmarques25@gmail.com.



## INTRODUÇÃO

No final do século XIX, a geografia produzida no seio do imperialismo visava garantir aos Estados hegemônicos a manutenção do seu poderio numa escala cada vez mais global. Após a Guerra Franco-Prussiana (1870-1), houve um impulso na construção de um aprendizado geográfico útil ao Estado, sobretudo na Alemanha e na França. O contexto da disputa por territórios entre os grandes impérios enfatizou a finalidade prática da geografia e da cartografia, resultando em maiores investimentos do Estado para o fortalecimento da ciência geográfica nas escolas e universidades. Dessa forma, cursos de geografia foram criados nas academias alemãs e francesas, uma vez que ali um currículo geográfico bem constituído no nível escolar e universitário era visto como algo fundamental para o sucesso imperial no médio e longo prazo (HEFFERNAN, 2009).

Na Inglaterra vitoriana, o processo de institucionalização da geografia foi mais tardio, visto que somente na década de 1890 ações mais concretas foram tomadas em prol da formação de cursos de geografia e o aprimoramento do ensino geográfico no nível escolar e acadêmico. Nesse sentido, por meio de esforços de membros da *Royal Geographical Society* (RGS) e das universidades de Oxford e Cambridge, foram criados *Readerships* de geografia (SCARGILL, 1976). Destaca-se, portanto, um momento de inflexão na geografia britânica, ao passo que a educação geográfica passou a ser compreendida como uma ferramenta de domínio imperialista, vide os exemplos da Alemanha e da França (KELTIE, 1886).

Halford John Mackinder (1861-1947), além de atuar no campo da política e da geopolítica, dada a sua concepção sobre a disputa secular entre o poder marítimo e o poder terrestre (MACKINDER, 1904a), defendeu a necessidade de se estabelecer uma geografia científica nas universidades, incorporando os aspectos da geografia física e da geografia política numa só disciplina (MACKINDER, 1887). A partir disto, Mackinder tornou-se uma figura importante na defesa do ensino geográfico em prol da unidade imperial britânica. É válido salientar que, além do exemplo franco-alemão, Mackinder se baseou também no ensino geográfico norte-americano, no intuito de que a Inglaterra pudesse fornecer a formação e um treinamento sistemático de professores de geografia (CANTOR, 1962).



Para Mackinder, a geografia poderia e deveria atuar na criação e ampliação da imaginação geográfica, permitindo que o indivíduo britânico pensasse em questões não só ligadas a ilha, Grã-Bretanha, mas sim em aspectos relacionados a todo o Império (MACKINDER, 1904b). Exigia-se, desse modo, uma geografia que atuasse em diversas escalas. Ribeiro (2014) diz que, para isso, Mackinder sugeriu o uso de imagens como elemento articulador entre as posses coloniais e a metrópole, estimulando, por meio da imaginação geográfica, a formação de um sentimento de pertencimento capaz de dar unidade ao Império Britânico de escala mundial.

Diante disso, o presente trabalho visa discutir as estratégias discutidas por Mackinder na educação geográfica, sobretudo o uso de imagens, fotografias e mapas na construção de uma geografia imperial britânica. Pontua-se que a visão de Mackinder reverberou a política de governo da época, uma vez que foi criada em 1902 o *Colonial Office Visual Instruction Committee* (COVIC), instituição fundada para atuar nos programas de educação colonial e na adoção de tecnologias visuais na instrução geográfica.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa utilizou o método histórico para analisar e compreender a concepção de Mackinder sobre o uso de imagens na educação geográfica de viés imperial, uma vez que é fundamental compreender o cenário, as origens vividas e as questões particulares ao autor investigado. Observando Mackinder, entende-se que o contexto do seu tempo influenciou a produção de uma geografia que também pertence ao seu tempo, tendo em vista o acirramento das disputas imperialistas entre as potências e o surgimento de novas tecnologias no contexto da Segunda Revolução Industrial.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Na concepção de Mackinder, cabe ao professor de geografia, no âmbito imperial britânico, atuar na formação de alunos, políticos, e militares capazes de compreender o mundo a partir de uma visão escalar, identificando questões e necessidades do Império do nível local ao global, pois “*you must be able to think and visualize on the stage of this round World*” (MACKINDER, 1904b, p. 193). Ou seja, aqui a geografia pensada



por Mackinder se caracteriza por ter um importante aspecto utilitário, pragmático; ali, a geografia existe em função do Estado imperial.

O geógrafo mackinderiano deve ter uma imaginação treinada para visualizar as formas e os movimentos do espaço geográfico, visto que Mackinder (1895) defende a formação do pensar geográfico como um gênero da imaginação. De acordo com a sua concepção geográfica, “*if you want our children to understand what the British Empire is, let them learn the World as a whole, and look at it from the outside as well as the inside*” (MACKINDER, 1904b, p. 196-7).

Hayes (2018) diz que a geografia imperial utilizou os equipamentos tecnológicos desenvolvidos na época em sua batalha pela institucionalização da disciplina. Por exemplo, o artigo *On the Scope and Methods of Geography* (MACKINDER, 1887) foi apresentado na RGS em uma palestra com uso de slides de lanterna multimídia. É válido dizer que a utilização de slides com lanternas não foi somente utilizada na instrução educacional, mas também em outros eventos coletivos, como em teatros, igrejas e reuniões populares (RYAN, 1994).

**Figura 1.** Uso de slide em uma palestra sobre o Japão.



Fonte: HAYES, 2018, p. 25.



Pode-se dizer que desde a publicação do relatório de Keltie (1886), cristalizou-se a ideia de que o ensino geográfico imperial britânico carecia de formas realísticas para educar e estimular a imaginação dos jovens alunos. Com base nisso, visando representar uma geografia imperial, Mackinder utilizou recursos tecnológicos e imagéticos, como mapas, fotografias e slides. Através desse material, buscou-se criar uma integração entre as colônias e a metrópole por meio da paisagem, o elemento que conecta as partes longínquas do império à Londres. Para Mackinder, uma vez que a imaginação já era utilizada como elemento na educação dos assuntos relativos à história e as suas perspectivas do tempo, a geografia também poderia utilizar a imaginação em virtude do entendimento da perspectiva do espaço (MACKINDER, 1904b).

Criado no começo do século XX, o COVIC aliou o viés imperial no ensino de geografia, de acordo com a concepção de Mackinder, e a autoridade do visual para criar o “pensar geográfico”. Composto por representantes do meio educacional e político, o COVIC foi responsável por produzir materiais didáticos para o ensino escolar. Segundo Moser (2017, p. 192), o COVIC era um “*committee of volunteers that met under auspices of the British government to develop and administer a program of colonial education that combined visual technologies with geographical instruction*”.

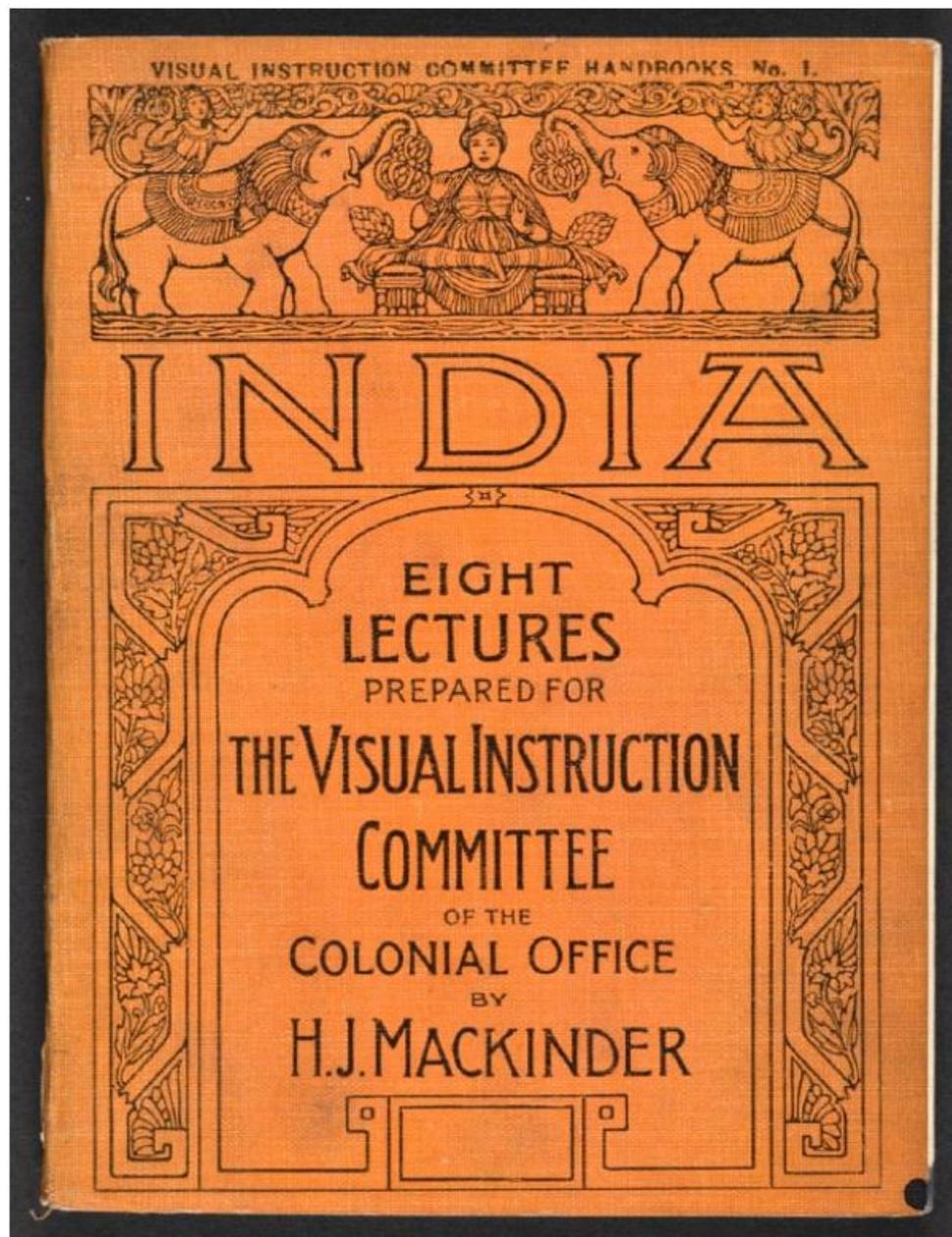
Alfred Hugo Fisher (1867-1945) foi o fotógrafo responsável pela produção das ilustrações e imagens utilizadas pelo COVIC. As suas fotografias buscavam identificar “*the native characteristics of the country and its people and the super-added characteristics due to British rule*” (RYAN, 1994, p. 159). Entre 1907 e 1910, Fisher produziu mais de 4.000 fotografias, além de esboços e pinturas à óleo. Viajando em rotas traçadas por Mackinder, Fisher visitou diversos territórios que faziam parte do Império Britânico, incluindo a Índia, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Singapura, Hong Kong, Somália, Chipre, Malta e Gibraltar. Segundo Mackinder (2014, p. 149), o objetivo da instrução visual era de que os alunos “não possam ver o mundo apenas pela ótica da Inglaterra [...], mas que eles identifiquem a si próprios com o Império Britânico”.

Ribeiro (2014) destaca que as fotografias produzidas pelo COVIC estimulavam a repulsa pelo exotismo e os preconceitos raciais. Estrategicamente, Mackinder estipulou que as imagens utilizadas pelo COVIC demonstrassem a variedade cultural das colônias, todas elas estruturadas pelo poder do domínio britânico. Destaca-se que a Índia ocupou um lugar central nas palestras e fotografias formuladas pelo COVIC, ao



passo em que nas palestras de Mackinder, toda a variedade cultural indiana era apresentada como uma estrutura unida pelo poder britânico.

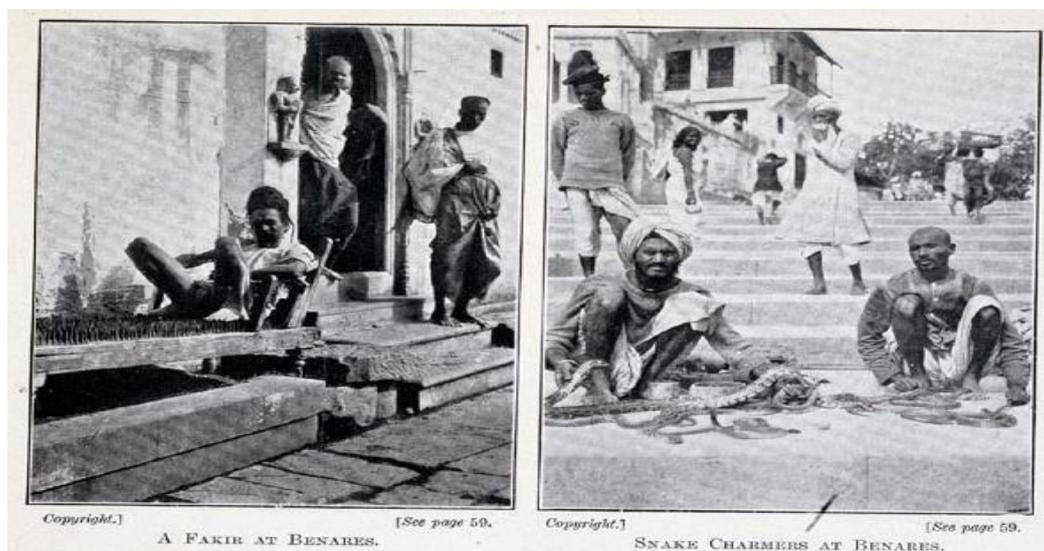
**Figura 2.** Capa do livro produzido pelo COVIC sobre a Índia.



**Fonte:** MOSER, 2017, p. 195.

Ryan (1994) diz que Fisher foi instigado por Mackinder a fotografar o que eles entendiam por “cenas típicas”, resultando na produção de diversas imagens estereotipadas do cotidiano indiano. Nas exposições geográficas de Mackinder, as diferenças culturais eram apresentadas como exemplos de “tipos” raciais, criando uma oposição entre a civilização britânica e a excentricidade dos povos nativos.

**Figura 3.** Ilustrações utilizadas nas palestras sobre a Índia.



**Fonte:** MOSER, 2017, p. 207.

Na imagem acima, Fisher fotografou um homem sentado em uma cama de espigões em Benares. Para Mackinder, a imagem exemplificou “cenas típicas da vida oriental”. Atráves do uso de imagens em lanternas, as *lantern slides*, diversas partes do Império foram fotografadas para fomentar o sentimento de unidade imperial e da cidadania (RYAN, 1994). O COVIC utilizou imagens da construção de navios, valorizando a ampliação da força marítima britânica, além de regimentos policiais e “policiais nativos”, na tentativa de explicitar a defesa da soberania imperial (MOSER, 2017).

**Figura 4.** Trabalhadores de uma fábrica naval britânica em Portsmouth.



**Fonte:** MOSER, 2017, p. 196.



**Figura 5.** Regimento militar da 18ª Cavalaria do Príncipe de Gales.



**Fonte:** MOSER, 2017, p. 197.

**Figura 6.** Vista da ponte Lansdowne sobre o rio Indo.



**Fonte:** RYAN, 1994, p. 167.

Além dos aspectos culturais, Mackinder instruiu que as fotografias do COVIC contrastassem as antigas estruturas industriais indianas com as novas instalações industriais em Bombaim e Cawnpore. No início do século XX, as ferrovias passaram a ser representadas como ícones coloniais, indicando o progresso e a unidade territorial assegurada pelo Império. Mackinder demonstrava em suas palestras não só o ganho material dos indianos sob o domínio britânico, mas também apresentava a extensão do aprimoramento moral do Império sobre eles (RYAN, 1994).

Na visão de Mackinder, o uso das imagens e slides deveria construir a ideia de que o Império é uma influência que atinge todos as terras e os mares, pintando de vermelho diversas regiões do globo vistas no mapa. A educação geográfica deveria estimular a visão do mundo como o palco para atividade britânica, pois era fundamental formar cidadãos práticos “de um império que, conforme a lei universal de sobrevivência, tem de manter sua posição através da eficiência e do esforço” (MACKINDER, 2014, p. 148-9).

**Figura 7.** O Império Britânico em 1886.



**Fonte:** Livraria Digital da Universidade de Cornell (2021).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos dizer que Mackinder faz parte de um momento histórico específico, bem como a sua concepção geográfica. A partir de imagens de diversos domínios imperiais, seria possível incitar a produção de um sentimento universal entre os integrantes do Império, pois, no ideal de Mackinder, a cidadania era indispensável e parte de um esforço coletivo para manter o Império unido e coeso frente aos seus rivais europeus.



No nosso momento histórico, podemos utilizar a imaginação geográfica para estabelecer conexões entre diferentes escalas, tempos e espaços na construção do conhecimento. De acordo com Massey (2017), através da geografia, o aluno pode explorar a natureza controversa do mundo, questionando as contradições e a complexidade dos lugares e dos fenômenos geográficos. Wright (2014) diz que a imaginação geográfica pode ser estimulada pela curiosidade, pois quanto menor a nossa capacidade imaginativa, menor também será a nossa abertura para a curiosidade e investigação de problemas.

No atual contexto brasileiro, é válido salientar que a educação deve atuar na defesa da cidadania, uma vez que “as práticas sociais se dão no e pelo espaço, e não fora dele” (BEZERRA, 2016, p. 26). Desse modo, a formação geográfica do sujeito implica numa prática pedagógica que construa uma consciência espacial em que possamos nos reconhecer no espaço e a nossa posição no mundo. Por fim, bem como Farias (2020) pontua, o ensino de geografia possibilita ao educando ler o mundo geograficamente, utilizando a imaginação geográfica para compreender o espaço em que vivemos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O início do século XX marcou-se pelo acirramento das disputas imperialistas, na medida em que a geografia assumiu um importante papel ao ser utilizada como ferramenta capaz de defender os interesses nacionais e permitir a sobrevivência dos impérios. Além da sua aplicação cartográfica e militar, a geografia se institucionalizou sob a forma de uma ciência geográfica intimamente ligada aos interesses imperiais, visto que a partir dela era possível: “*to know all, to understand all and, by implication, to control all*” (JOHNSTON, 2003, p. 46). Na concepção de Mackinder, para que as palestras do COVIC fossem bem sucedidas, os textos deveriam ser escritos com base nas imagens que seriam exibidas para os alunos. Dessa forma, as fotografias de Fisher não ocupavam apenas o papel de ilustrações sobre os temas geográficos, mas ocupariam o papel literal de estrutura dos conteúdos, sendo utilizadas propriamente como lições visuais (MOSER, 2017).

Nesse sentido, Mackinder atuou na defesa do Império Britânico, destacando a função que o ensino de geografia poderia ter, especialmente na criação de uma imaginação geográfica, característica indispensável aos militares, comerciantes e



políticos – aqueles que atuavam ativamente em prol da expansão dos valores britânicos em todo o mundo. Dessa forma, o COVIC foi estabelecido como uma forma do Estado organizar uma política educacional capaz de estreitar os laços de cidadania entre os indivíduos do império, ainda que mantendo a hierarquia social entre a metrópole e os povos colonizados. Em linhas gerais, a vida moderna que se iniciava no novo século demandava uma maior capacidade de visualização do mundo, pois, para Mackinder, o mundo era o palco da ação do homem britânico.

## AGRADECIMENTOS

O trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). O autor agradece a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Vitte.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, A. C. A. Tecendo caminhos e afirmando sentidos entre cidadania, espaço e geografia escolar. **Revista Tamoios**, v. 12, n. 2, p. 22-31, 2016.

CANTOR, L. M. The Royal Geographical Society and the Projected London Institute of Geography 1892-1899. **The Geographical Journal**, v. 128, n. 1, p. 30-35, 1962.

FARIAS, P. S. C. A geografia escolar crítica e a formação para a cidadania. **Revista GeoSertões**, v. 5, n. 10, p. 12-39, 2020.

HAYES, E. Geographical light: the magic lantern, the reform of the Royal Geographical Society and the professionalization of geography c. 1885-1894. **Journal of Historical Geography**, v. 62, p. 24-36, 2018.

HEFFERNAN, M. Histories of Geography. In: CLIFFORD, N. J.; HOLLOWAY, S. L.; RICE, S. P.; VALENTINE, G. (ed.). **Key Concepts in Geography**. Londres: SAGE, 2009, p. 3-20.

JOHNSTON, R. The institutionalization of geography as an academic discipline. In: WILLIAMS, M.; JOHNSTON, R. **A Century of British Geography**. Oxford: Oxford University Press for the British Academy, 2003.

KELTIE, J. S. **Report of the Council of the RGS: report of the proceedings of the Society in reference to the improvement of geographical education**. Londres: Murray, 1886.



MACKINDER, H. J. On the Scope and Methods of Geography. **Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography**, v. 9, n. 3, p. 141-174, 1887.

MACKINDER, H. J. Modern Geography, German and English. **The Geographical Journal**, v. 6, n. 4, p. 367-379, 1895.

MACKINDER, H. J. The Geographical Pivot of History. **The Geographical Journal**, v. 23, n. 4, p. 421-437, 1904a.

MACKINDER, H. J. The Development of Geographical Teaching out of Nature Study. **The Geographical Teacher**, v. 2, n. 5, p. 191-197, 1904b.

MACKINDER, H. J. O ensino de geografia sob ótica imperial e os seus usos que podem e devem ser feitos da instrução visual. **GEOgraphia**, v. 16, n. 31, p. 142-152, 2014.

MASSEY, D. A mente geográfica. **GEOgraphia**, v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017.

MOSER, G. Photographing Imperial Citizenship: The Colonial Office Visual Instruction Committee's Lanternslide Lectures, 1900-1945. **Journal of Visual Culture**, v. 16, n. 2, p. 190-224, 2017.

RIBEIRO, G. Geografias imperiais: o caso de Halford Mackinder (1861-1947). **GEOgraphia**, v. 16, n. 31, p. 153-170, 2014.

RYAN, J. R. Visualizing Imperial Geography: Halford Mackinder and the Colonial Office Visual Instruction Committee, 1902-11. **Ecumene**, v. 1, n. 2, p. 157-176, 1994.

SCARGILL, D. I. The RGS and the foundations of Geography at Oxford. **The Geographical Journal**, v. 142, n. 3, p. 438-461, 1976.

WRIGHT, J. K. Terrae Incognitae: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.